

Espaços de resistência, afeto e construção: confluências do design em pesquisas com mulheres e crianças em Belo Horizonte (MG)

Tatiana de Castro e Souza

taticastru@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-5130-2647>

Gabriela Corrêa Frossard

gabicfrossard@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5338-3859>

Marcelina das Graças de Almeida

almeidamarcelina@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5174-0103>

Vitoria Regia Izau

vitoria.izau@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0002-0182-0903>

Espaços de resistência, afeto e construção: confluências do design em pesquisas com mulheres e crianças

Resumo: O artigo analisa duas experiências de pesquisa em design que articulam gênero, raça e infância em territórios marcados por desigualdades estruturais. No primeiro caso, oficinas criativas com mulheres negras estimulam a autonomia, valorizam a escuta e fortalecem a construção coletiva de identidades e memórias. No segundo, o olhar das crianças revela a centralidade das mulheres como cuidadoras, provedoras e gestoras do território. As pesquisas evidenciam como práticas comunitárias e afetivas constroem espaços de resistência e produção de saberes, reafirmando o papel do design como ferramenta crítica e situada na valorização da vida cotidiana e na promoção de uma educação emancipatória;

Palavras-chave: Mulheres, Crianças, Design e Território

Spaces of Resistance, Affection and Construction: Design Confluences in Research with Women and Children

Abstract: *This article analyzes two design research experiences that articulate gender, race, and childhood in territories marked by structural inequalities. In the first case, creative workshops with black women encourage autonomy, value listening, and strengthen the collective construction of identities and memories. In the second, the children's perspective reveals the centrality of women as caregivers, providers, and managers of the territory. The research shows how community and affective practices build spaces of resistance and knowledge production, reaffirming the role of design as a critical and situated tool in valuing everyday life and promoting emancipatory education;*

Keywords: *Women, Children, Design & Territory*

1. Introdução

Atualmente, diante das crises ecológicas, pensamentos fronteiriços contra-coloniais¹, que buscam construir outras realidades, para além das dinâmicas estabelecidas pelo projeto moderno/colonial, que envolve uma série de conceitos como o colonialismo, o capitalismo e a perpetuação de hierarquias e distinções raciais, sobretudo, na dicotomia seres humanos/natureza, têm construído bases para a transgressão desse sistema. Principalmente com pressupostos que buscam confabular novos mundos, ao desenvolver práticas, conceitos e proposições epistemológicas, a partir dos saberes tradicionais dos povos, que se conectam com a confluência², o compartilhar, a circularidade, a oralidade, a cultura, que perpassam de forma horizontal, e não em uma lógica hierarquizada (Santos, 2023). Sobretudo, sob a perspectiva presente há bastante tempo nas cosmovisões dos povos originários, de que existem constantes interações entre as espécies (Tsing, 2022).

A ideia de desenvolvimento e progresso do capitalismo se caracteriza pela destruição em larga escala de paisagens e ecologias e na subjugação e dominação de seres humanos e “mais que humanos”³ (Tsing, 2022). O aquecimento global, as catástrofes naturais, são ações decorrentes da forma de viver dos sistemas capitalistas.

No processo convencional de se fazer ciência - colonial e eurocêntrica - muitas vozes são invisibilizadas e ficam de fora. A partir da ideia de mundo-projeto, Miettinen et al. (2022) aponta que o design precisa ser olhado a partir do eu, do lugar e das comunidades e que esse reposicionamento signifique uma reorientação epistemológica e prática que afasta do cerne do “design como inovação”, que atende aos interesses neocoloniais, e passa a responder ao pluriverso⁴, a vida e outras cosmologias.

Nos dias de hoje são fomentadas reflexões sobre possíveis formas de ação, de um design não mais como centro do processo e subordinado ao *status quo* eurocêntrico e econômico (Fry, 2018; Escobar, 2016). Para Manzini e Thorpe (2018), o design deve querer e ser capaz de operar por meio do ativismo, passando desde a sua formação até a ação no mundo. Este diálogo

- 1 Proposição epistemológica criada por Antônio Bispo dos Santos (2023), que se refere à cosmovisão afro diaspórica e indígena que resiste ao colonialismo.
- 2 Outra proposição epistemológica criada por Antônio Bispo dos Santos (2023), que se trata da lei que rege a relação entre elementos da natureza.
- 3 Termo usado por Anna Tsing (2019) para se referir aos seres terrestres.
- 4 Na perspectiva do pluriverso de Escobar (2016), antagônico ao universo, um mundo plural e em constante transformação, no qual várias realidades e cosmovisões são possíveis.

revela o caminho para a construção da coletividade como forma de reconectar os saberes que foram dilacerados pelo cartesianismo (Noronha, 2018). Os teóricos têm se dedicado a refletir, direcionar e organizar as possibilidades para que designers continuem mediando problemas complexos associados aos sistemas ecológicos, sociais e econômicos, e assim fortalecer uma cultura consciente dentro deste campo do saber.

Uma das direções apontadas pelos pensadores Escobar (2016; 2018) e Fry (2018) para mudança de paradigma no design, é a aplicação de práticas no sentido de contribuir para autonomia das comunidades, partindo de uma visão holística, na qual todos os elementos do sistema estão interligados, tecidos como em uma rede. Na perspectiva do pluriverso de Escobar (2016), ou seja, antagônico ao universo, um mundo plural e em constante transformação, no qual várias realidades e cosmovisões são possíveis (Escobar, 2016; Latour, 2020). Portanto, é preciso nutrir a postura crítica para identificar, nomear e problematizar os desafios que estão impostos na sociedade contemporânea. Como propõe Appadurai (2013), o futuro não é apenas um espaço neutro, mas permeado de afeto e de sensação. O autor afirma que o estado de alerta e tensão que permeia a contemporaneidade dificultam a abertura para a “ética da possibilidade”, que é o campo da utopia, do bem-viver⁵, da imaginação, elementos fundamentais para o porvir.

Este artigo é fruto do diálogo entre pesquisadoras e suas pesquisas. Apesar das diferenças evidenciadas ao longo do texto, as ideias se encontram em eixos comuns: (a) o enfoque nas mulheres a partir das pesquisas de campos realizadas e, também, das referências que dão suporte aos estudos; (b) o contexto e ponto de partida é a cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais; por fim (c) os caminhos de design que embasam a discussão buscam ouvir e responder a sociedade com suas complexidades e projetar futuros melhores para mais pessoas.

O texto, a partir desta introdução, está dividido em mais cinco partes. A segunda parte trata do referencial teórico crítico construído sobre as mulheres dos Estudos de Caso, tratados aqui como Contexto 1 e Contexto 2. A terceira parte trata do Contexto 1, com o projeto . A quarta parte trata do Contexto 2, com a Ocupação. Já a quinta parte trata dos encontros, ideias e possibilidades que emergiram do diálogo entre pesquisas e são as considerações finais do estudo.

5 O bem-viver é uma filosofia e um modo de vida que valoriza a harmonia entre as pessoas e a natureza. É uma cosmovisão que se baseia em práticas tradicionais de povos originários das Américas (Acosta, 2016).

Ambas as pesquisas foram submetidas e aprovadas pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Minas Gerais. Tendo assim, seguido durante a elaboração os termos da Resolução 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde aos quais estão sujeitos os projetos.

2. Afeto, (re)existência e sabedoria marginal

As mulheres e corpos dissidentes, se encontram em situação vulnerável no sistema patriarcal e são justamente mais afetadas em contextos de crises. Quando se inclui o recorte de raça, a situação se agrava. Para mulheres negras que estão na periferia o conhecimento e as significações de mundo se dão vinculados a um cotidiano de cuidados com a casa e com o bem-estar do grupo familiar, pelos quais são - na maior parte das vezes - as principais responsáveis (Silva, 2022). O feminismo negro aponta que a sobrevivência por si só é uma bandeira de luta, à medida que as mulheres negras resistem à opressões já que existem em um Estado e uma sociedade profundamente racista (Collins, 2016).

É importante que haja um olhar interseccional para os corpos que ocupam as periferias da cidade, raça, classe, sexualidade e gênero marcam subjetividades das lutas populares e movimentos sociais (Detomi, 2022). Santos (2004) lembra que o mundo em que vivemos é idealizado e criado por seres humanos, ou seja, é um projeto em movimento e não uma constante. A vida em sociedade é resultado de ações humanas e da “natureza”. Angela Davis (2016) destaca que para que seja possível compreender muitos dos problemas enfrentados na atualidade, nas diferentes áreas, é necessário deslocar as mulheres negras para o centro da análise em relação à posição marginal que ocupam nas discussões sobre racismo, sexismo e exploração de classe. Este deslocamento faz um convite à redefinição da construção das relações raciais, sociais e econômicas a partir da perspectiva das mulheres negras. Essa proposição revela como esse saber marginal possui um potencial real de transformação. A experiência interseccional das mulheres negras auxilia na construção de uma visão mais ampla sobre o modo como essas opressões operam e, conseqüentemente, auxilia na criação de estratégias mais efetivas de luta e na criação de percepções mais complexas e realistas. A autora convida a ampliar o olhar, ou seja, que a intersecção de opressões seja admitida como um meio para a compreensão da busca por emancipação e libertação.

Rivera Cusicanqui (2010) alerta que o Estado aliado à agenda neoliberal, pauta seus projetos de cidade, trabalho e combate à violência na ideia massificada de nação colabora assim com novas formas de colonização, ignorando especificidades locais atribuindo aos que “fogem a regra” a condição

de excluídos, minorias. As hierarquias no mundo globalizado são construídas a partir da ideia de exclusão: há nós e subnós (Rivera Cusicanqui, 2010).

Há muitos corpos dissidentes no paradigma colonial moderno, isso porque o “centro no homem” pressupõe uma falsa hegemonia nas relações, deixando muito - se não, quase todos - de fora, o topo da pirâmide já está tomado pelo vencedor. Essa dinâmica imposta impacta profundamente na política da vida cotidiana e é percebida pela tentativa de silenciamento, opressão e invisibilização dos modos de vida diversos, além de constituir políticas públicas de genocídio e necropolítica no país (Noronha, 2024).

As mulheres em seus territórios estão sujeitas a questões de diferentes ordens: do seu próprio corpo, da casa, da família, do lugar onde vivem, da sociedade, das instituições, das políticas, da natureza. hooks (2013) diz da importância de racializar os debates, afinal há diferenças essenciais entre mulheres negras e brancas, um abismo entre as vivências e percepção das relações que não deve ser ignorado. Entretanto, defende que as construções de conhecimento teórico e prático devem ser coletivas, de todas as mulheres, para que por meio de diferentes perspectivas seja possível criar estratégias e apontar direções para um feminismo do futuro. Mas ainda que marcadas profundamente por esta herança colonial, as mulheres negras não compartilham somente histórias de opressão, mas também o legado de luta, nas possibilidades de re(existir) e no enfrentamento ao sistema racista por meio de redes de solidariedade política (Gonzalez, 1988).

3. Contexto 1: Reivindicação e reconhecimento da autonomia pelas mulheres do projeto Flores do Morro

O primeiro contexto parte da experiência da pesquisadora designer como professora de costura, juntamente com as mulheres participantes do Projeto Flores do Morro. Os questionamentos que provocaram o interesse por esse estudo, se deram inicialmente na experiência em campo, para só então se iniciar a busca pela teoria, em um caminho em que a teoria emerge da prática e não o contrário (Walsh, 2016). Visto que, há alguns anos a pesquisadora realiza o papel de professora e designer em projetos sociais em contextos periféricos.

O projeto Flores do Morro atua desde 2011 no aglomerado Morro das Pedras, uma área de vulnerabilidade socioeconômica, cercada por bairros de classe média na região oeste da Cidade de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais. De acordo com as participantes deste projeto, o Aglomerado Morro das Pedras surgiu por volta dos anos 30 e antes era formado por várias fazendas e uma pedreira. Entre 1945 e 1971 esta região abrigou o lixão da cidade de Belo Horizonte, período que atraiu muitos moradores que de

alguma maneira consumiam parte do lixo que era descartado nesse local. Em 1971 uma explosão no lixão matou dezenas de pessoas. Somente após o acidente e a ocorrência de diversos deslizamentos de terra que o poder público aprovou o Plano Diretor de Limpeza Urbana e, em 1973, foi criada a Superintendência de Limpeza Urbana (SLU). Em 1975, o lixo passou a ser depositado no aterro sanitário. Além disso, esta região já foi bastante violenta e, por diversas vezes, esteve nos destaques dos noticiários policiais⁶. As participantes do projeto contam que esse cenário melhorou muito após algumas modificações estruturais que promoveram melhorias na região, além da intensa participação de projetos assistenciais e ONGs (Organizações não governamentais) locais.

Dentre esses projetos, o Flores do Morro visa contribuir para o desenvolvimento da autonomia das participantes, um grupo formado por aproximadamente 10 mulheres, a maioria idosas que trabalhavam como cuidadoras e faxineiras nas casas de outras pessoas, atualmente aposentadas, sem parceiros, com filhos, netos e que se autodeclararam negras.

O projeto Flores do Morro oferece oficinas em que a dança, o design e a arquitetura são as áreas condutoras, teóricas e práticas, na formulação e andamento das atividades. Além das oficinas de pintura em tecido e teatro ofertadas no período desta pesquisa, a oficina de costura foi igualmente escolhida pelas mulheres. Segundo seus relatos, aprender a costurar era a realização de um sonho, pois se tratava de um aprendizado que advinha do próprio desejo e escolha de cada uma, diferentemente dos conhecimentos relacionados às obrigações que lhes foram impostas ao longo da vida. Visto que, dentre as dualidades criadas pelo sistema capitalista patriarcal, o gênero tem dimensões econômico-políticas:

[...] porque é um princípio estruturante básico da economia política. Por um lado, o gênero estrutura a divisão fundamental entre trabalho “produtivo” remunerado e trabalho “reprodutivo” e doméstico não-remunerado, atribuindo às mulheres a responsabilidade primordial por este último. (Fraser, 2006, p.233).

Foi principalmente sobre o reconhecimento e reivindicação da autonomia construídas pelas mulheres participantes do projeto Flores do Morro, em um processo conduzido pelo design, que este estudo se ateve. Além da autonomia financeira, por ser uma questão que resulta em modos de exploração,

6 Informação extraída de reportagem do Jornal Estado de Minas: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/06/19/interna_gerais,1158331/registre-no-morro-das-pedras-sao-150-dias-sem-registro-de-homicidios.shtml . Acesso em: 12/04/2025

marginalização e privação das mulheres (Fraser, 2006). Mas sobretudo, a autonomia que é atravessada por um processo social de resistência e construção coletiva de identidades e de memórias (Gonzalez, 1984).

Nesse sentido, os estudos de bell hooks (2013), pensadora da educação, mulher, negra e feminista que defende o ensino pautado numa perspectiva crítica e feminista foi aporte para reflexão sobre autonomia. Em sua obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora”, hooks (2013) descreve como a educação emancipatória pode colaborar para que estudantes transgridam as barreiras impostas pelas amarras coloniais, principalmente no que tange o binarismo de gênero, o machismo e o racismo.

A pesquisa aqui apresentada se desenvolveu durante as aulas de costura por meio da prática de Correspondência descrita por Ingold (2013), como meio de vivenciar a experiência em campo, na qual as relações de colaboração extrapolam as pessoas, pois considera os ambientes, os materiais e até o que não enxergamos, mas sabemos que está presente, como as crenças (Ingold, 2016). Esta prática quando apropriada pelo design, estabelece-se como forma atencional de fazer coisas juntos (Noronha, 2018) e permite que as mudanças no processo projetual, ou de pesquisa, ocorram a partir do movimento das relações, possibilitando assim, uma forma de fazer design não prescritiva. Este processo de atenção propicia a criação de um espaço onde as respostas fluem espontaneamente, distantes das amarras e métodos controlados, o que permite a improvisação, a criação de novos cenários e a cocriação de alternativas possíveis para o presente e para o futuro. Além ainda das ferramentas do design participativo (Moraes; Rosa, 2012) que, parte de um pensamento em design que não se limita apenas a designers, mas que se estende a outros contextos, possibilitando que as partes envolvidas vivenciem uma experiência socialmente produtiva, combinando desafio e criatividade, o que reflete em mudanças e atitudes, bem como um maior envolvimento e dedicação entre todos para solução de problemas, incorporando ações de ensino-aprendizagem determinantes para o desenvolvimento de pessoas em processo de transformação social. Por isso se trata de uma ferramenta capaz de adentrar ao que seria um design político (Del Gaudio, 2017). E ainda, do método “Histórias de vida” (Nogueira *et al.*, 2017) como prática narrativa, permitindo evidenciar a realidade vivida pelas mulheres, baseada em suas subjetividades e percepções.

Sendo assim, além das técnicas de costura ensinadas, as aulas se tornaram experimentos sociais em design, por se basearem em um processo constante de ajuste e correspondências entre as pessoas envolvidas, que afetaram e foram afetadas pelo próprio processo e experiência vivida, durante a própria pesquisa (Rodrigues; Noronha, 2021). As atividades construídas

coletivamente foram mediadas pelas “coisas de design” (Binder; Brandt, 2008), na maioria dos casos, protótipos, cenários, mapas afetivos, modelos, jogos de design, artefatos e objetos artesanais que eram produzidos e que geravam engajamento e funcionavam como dispositivos para as experimentações e improvisações. Característicos da pesquisa experimental, estes dispositivos desencadearam diálogos que exploraram as subjetividades das mulheres envolvidas, abordando memória, identidade, território e cultura, tanto a nível individual quanto coletivo.

A professora pesquisadora buscou se afastar da figura tradicional do profissional designer, em busca de facilitar eventos e instigar a participação criativa das mulheres envolvidas no projeto, como uma ação direcionada para a emancipação das participantes (hooks, 2013), partindo da observação atencional em que deixamos o outro agir em um espaço que se abre para possibilidades (Ingold, 2016). Assim, a fala e escuta ativa foram essenciais para o desenvolvimento desse percurso, para que as opiniões e sugestões das mulheres emergissem no decorrer do processo visto que cotidianamente essas mulheres são expostas ao silenciamento, com o pretexto do estereótipo da timidez, da infantilização e de sempre necessitar de intermediários para falar por elas (Gonzalez, 1983), quando na verdade, na sociedade capitalista, quem fala e é ouvido são as pessoas que “pertencem” (Kilomba, 2010). Sendo assim, a negação dos saberes da cultura negra, são estratégias de inferiorização intelectual da pessoa negra ou sua anulação enquanto sujeito de conhecimento (Carneiro, 2003), portanto engajar as participantes nas trocas de diálogos e saberes durante as aulas, convidar e incentivar as mulheres a empregarem a criatividade e imaginação para resolver os problemas, a atender suas próprias demandas e a contar novas histórias sobre sua vida cotidiana fez parte do processo de construção de autonomia (Cipolla, 2018). Integrar e valorizar os diferentes saberes como um aspecto colaborativo do design (Del Gaudio, 2021), ao tornar o trajeto participativo e ao estimular as habilidades improvisatórias de cada uma delas, gerou ainda novas possibilidades para o desenvolvimento das atividades por ser uma maneira de buscar horizontalizar as relações (hooks, 2013). Partindo assim, de uma ética da coexistência, como possibilidade de exercer a liberdade e promover o diálogo com o diverso, com o múltiplo, com o contraditório, portanto com as diferenças (Rufino, 2018). Desse entendimento coletivo se dá a construção de autonomia (Lugones, 2014).

Além da satisfação pela aprendizagem, as mulheres relataram, que muitas vezes iam aos encontros para se distraírem, trocar experiências e conversar umas com as outras, movimento esse que de acordo com Escobar (2016), vai de encontro com a autonomia, visto que as interações sobre suas práticas

cotidianas, diz respeito ao aprendizado da comunidade sobre si mesma. Como designer, a pesquisadora atuava na mediação desses encontros, entre o conhecimento das mulheres e seus saberes e as atividades desenvolvidas coletivamente, visto que, “[...] toda pessoa ou coletivo é praticante de seu próprio saber [...]” (Escobar, 2016, p. 210).

Tão importante quanto atender as necessidades materiais é atender as necessidades emocionais, quando se trata da construção de autonomia a partir da rede de subjetividades. Portanto, as mulheres ainda compartilhavam alongamentos para o corpo no início das aulas e ao final um lanche coletivo, como práticas de cuidado e ainda práticas emancipatórias, por proporem novas maneiras de fazer, ser e sentir por entre as rachaduras do sistema opressor imposto (Walsh, 2016). Os diálogos sobre o afeto verdadeiro, o espaço para se amar e brincar, para expressar a criatividade, para se receber carinho e atenção, foram parte importante deste processo, mesmo num contexto de dificuldades financeiras em que as carências materiais são muitas e a luta pela sobrevivência é inevitável (hooks, 2013). É por meio desses processos, vivências e saberes produzidos coletivamente que para Gomes (2019), é possível redefinir as memórias e as marcas corpo traumatizado pela opressão em direção à autonomia.

Durante o percurso da pesquisa realizada, foi possível observar por meio das experiências vivenciadas, tanto individualmente, quanto coletivamente, situações relacionadas à autonomia abordada no estudo, desde a reconstrução da autoestima, ascensão econômica, acesso à cultura e informação, e a formação de lideranças, até a apropriação de espaços de produção de conhecimento. O caminho de reconhecimento foi atravessado pelos mesmos aspectos violentados pelas estratégias de dominação. Passando pela validação do corpo e da corporeidade negra, pela construção coletiva de identidades e memórias, pelo reconhecimento das vozes e propostas, partindo das subjetividades e vivências das mulheres, pela interpretação e criação de novas formas culturais, e ainda pela reelaboração do afeto e do amor nas suas relações e entre o grupo (Souza, 2023). É no corpo negro que ficaram registradas as memórias das opressões, das dores ancestrais da escravidão, mas também das alegrias e do movimento corporal que muitos antepassados fizeram no trabalho, na arte e na vida (Nascimento, 2006). Portanto, as oportunidades para que as participantes se apoderassem dos processos, das aulas e dos espaços, possibilitaram que se reapropriassem dos próprios corpos e pensamentos invisibilizados no sistema capitalista patriarcal (Gomes, 2019).

Os resultados foram registrados de acordo com os relatos das mulheres ao longo do período da pesquisa, em que se manifestavam, por vezes, espantadas com mudanças em seus comportamentos. Alguns exemplos são,

quando em uma entrevista sobre projeto, realizada por um programa de televisão “Rolê das Gerais” (Figura 1), Joana⁷ conta (relato transcrito):

Joana: “A professora mesmo de costura, ela fala, hoje a senhora não é aluna mais, o que a senhora aprendeu a senhora vai ensinar agora, a senhora pode nos ajudar’. Então eu sento na máquina e começo a ajudar aquelas que não sabem.”



FIGURA 1: Equipe de reportagem chegando na casa da Joana que está próxima ao portão. Fonte: Arquivo do projeto Flores do Morro (2021).

Ainda em outro momento, quando Cláudia se ofereceu a fazer uma gravação para contar sobre o funcionamento do projeto e em seguida considerou:

Cláudia: “nossa, tô falando muito melhor, antes ficava nervosa pra falar”.

Estas, dentre tantas outras percepções de mudanças trazidas por elas.

Dessa coleta de relatos e observações em campo foi realizada uma divisão por categorias, para fins didáticos e três delas, que mais se destacaram foram analisadas — Autonomia por meio do processo educacional; Autonomia por meio da valorização dos saberes e fazeres; Autonomia por meio da valorização da memória.

Nos meses anteriores ao final da pesquisa, as mulheres foram convidadas a apresentarem seus trabalhos realizados, na exposição “Tramas da memória”, realizada no Museu Abílio Barreto em Belo Horizonte (Figura 2). Neste

7 Foram adotados nomes fictícios para as participantes neste texto.

momento então, estiveram como protagonistas contando suas histórias por meio dos seus saberes artesanais. Ao contar suas histórias elas puderam rever o que foi realizado e puderam perceber sua dimensão e ainda reafirmar sua capacidade de decidir e participar. Visto ainda que, esse processo de construção coletiva de identidades e memórias, por meio da realização desse trabalho, é um caminho apontado por Gonzalez (1983) de autonomia das mulheres negras, ao cultivar a memória, as pessoas reafirmam seu valor.



FIGURA 2: Algumas participantes do projeto Flores do Morro, próximas aos seus trabalhos bordados e expostos nas paredes. Fonte: arquivo do projeto Flores do Morro (2022).

A documentação do percurso em campo, como o caderno de bordo, mapas afetivos e produção artesanal, juntamente com as interações por meio da correspondência e do design participativo, foram analisados pelo método de triangulação (Minayo; Assis; Souza, 2006), no qual a visão da pesquisadora sobre a situação é parte das análises acompanhado com o conteúdo da pesquisa teórica; e com os diálogos das mulheres em cada encontro, pelo método história de vida. Caminho esse que se encontra com os pressupostos trazidos por esse estudo, em que a teoria só tem sentido se parte da prática e da vivência. Essa abordagem revelou a complexidade das relações estabelecidas e sublinhou a necessidade de uma análise cuidadosa e contextualizada das dinâmicas sociais.

4. Contexto 2: As mulheres pelo olhar das crianças na Ocupação

O contexto 2, apresentado neste artigo, é parte de um trabalho iniciado em 2016, junto a uma ocupação em Belo Horizonte, Minas Gerais. Entende-se

que o tempo é um pré-requisito para estudos em grupos sociais (White, 2005), neste caso a continuidade e o contato com a comunidade supera alguns fatores limitantes ao mesmo tempo que evoca novos desafios e tensões ao longo dos anos. Estar como pessoa e pesquisadora em campo, afetando e se deixando afetar, e realizando trocas é parte primária da forma como se dá o olhar da designer ao longo desse processo no espaço de estudo.

No percurso da pesquisa e da escrita optou-se por utilizar o conceito de designantropologia, por compreender que há uma profunda relação entre as narrativas e as práticas realizadas (Izídio; Gomes; Gomes, 2022). Além disso, por uma postura política e decolonial, priorizou-se o uso do português, apesar do acesso, leitura e reflexão de referências que optam pelo termo *Design Anthropology*. Para o designantropologia o campo não ocupa o lugar de responder às perguntas de pesquisa, mas o lugar de elaborar as perguntas que podem ser pesquisadas (Noronha; Abreu, 2021).

As ocupações urbanas podem ser definidas como a ocupação coletiva não autorizada de terrenos vazios por famílias de baixa renda em busca de moradia. As ocupações contam, desde o início, com suporte e organização de movimentos sociais e profissionais voluntários para que haja assessoria jurídica e urbanística (Lélis, 2016). O campo do estudo é a ocupação Rosa Leão, hoje com aproximadamente sete mil moradores. A área é pertencente às cidades de Belo Horizonte e Santa Luzia, em Minas Gerais. A liderança do movimento social é majoritariamente composta por mulheres, sobretudo mulheres negras, um marcador social quando se trata de territórios em disputa no Brasil (Silva, 2022).

Cristiane afirma que “há muitas mulheres que são mães solteiras e que têm que se virar sozinhas dentro das comunidades. Dentro das comunidades, a maioria das pessoas são mulheres negras. Essas pessoas não têm as mesmas oportunidades que os brancos” (Cristiane, 2018, p.134). Além da sobrevivência individual, é preciso que os moradores lidem com a exclusão de suas vidas na esfera pública (Cristiane, 2018). A colonialidade reforça as exclusões e desigualdades que afetam mulheres periféricas (Silva, 2017).

No contexto de ocupações urbanas no país mulheres são a linha de frente da resistência e protagonizam o cuidado nas mais diversas esferas: com a alimentação, com a casa, com os filhos e, também, com o apaziguamento de conflitos, enfrentamentos com a polícia e poder público e a liderança e organização de base nas lutas (Galera; Gonçalves, 2020). Muitas delas são mães solo e a ocupação representa uma alternativa de desvincular-se de cenários de violência e abuso (Lourenço *et al.*, 2023)

Para Lopes e Silva (2018) as ocupações urbanas são a contramão do sujeito masculino branco universal que domina as necessidades da produção

capitalista. Na ocupação Rosa Leão, como em tantas outras, o planejamento da comunidade se dá por mulheres negras e periféricas que confrontam a exclusão das decisões políticas, a negação de acesso à moradia e as violências - machismo, racismo, desigualdade - a que estão sujeitas na sociedade.

As ocupações são espaços de vivências, pessoas e relações únicas. Onde coexistem o fantasma do efêmero e a luta diária por estabilidade. São famílias, mulheres, crianças, idosos, pessoas que aprendem a construir e conviver entre si. As crianças preenchem suas casas, estabelecem relações entre os pares, inventam brincadeiras, vivem e significam suas infâncias. Paralelo a isso, experimentam a realidade de uma linha tênue entre suas vivências pessoais e as consequências da instabilidade e pobreza.

Desde o primeiro contato com a ocupação Rosa Leão, em 2016, a presença de crianças sobressai ao olhar e a experiência relatada aqui - ao longo do Contexto 2 - tem por objetivo evidenciar a perspectiva das crianças sobre questões emergentes da própria realidade. Nos processos de projeto convencionais do design é, na maioria das vezes, atribuído ao designer o lugar de identificação dos problemas projetuais. Ao longo dessa prática, as crianças participantes da pesquisa assumiram esse olhar e o espaço de diagnosticar questões-problema do contexto que vivem. Ao fim, foram traçadas as chamadas perspectivas projetáveis⁸: caminhos, coisas e soluções de design a partir do que foi feito junto às crianças. A fim de traçar encontros e paralelos do que foi vivenciado com o presente artigo, foi feito um recorte das categorias de análise em que perpassam as questões de gênero.

A ida da pesquisadora ao campo durou dez meses, com visitas semanais e quinzenais. A cada vez cerca de trinta crianças - metade meninos e metade meninas - participavam dos encontros e atividades, a faixa etária variava entre um e quinze anos de idade. Foram utilizadas diferentes técnicas e ferramentas a fim de se adaptar a dinâmica das crianças. A principal técnica foi a observação participante (Angrosino, 2009), seguida do desenho (Goldberg; Yunes; Freitas, 2005) e de entrevistas semiestruturadas (Triviños, 1987, Lakatos; Marconi, 1992). Para auxiliar as técnicas, foram necessários instrumentos como caderno de bordo (Freitas; Pereira, 2018) e fotografia (Tittoni *et al.*, 2010). A pesquisa tem caráter qualitativo e a análise dos dados foi interpretativa, feita de maneira subjetiva, conforme a natureza da questão.

8 As perspectivas projetáveis são apresentadas na dissertação: FROSSARD, Gabriela Corrêa. Crianças nas ocupações urbanas: perspectivas projetáveis de design para o mundo real. 2019. 248 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/criancas-ocupacoes-urbanas>. Acesso em: 13 abr. 2025.

A análise dos dados do caderno de bordo foi feita a partir dos temas registrados, foram selecionadas 19 categorias de análise, baseadas na repetição de, no mínimo, cinco ocorrências. Para análise e discussão das fotografias e dos desenhos foram feitas relações com a observação participante somada a uma breve explicação do contexto das fotos - quando compartilhada pela criança que a realizou. Em seguida, as imagens e desenhos foram agrupadas nas categorias de análise levantadas anteriormente.

Para esse artigo, destacam-se seis categorias nas quais as questões de gênero foram referenciadas de forma direta ou indireta pelas crianças: (a) Relação criança-criança; (b) Relação crianças-pesquisadora; (c) Violência; (d) Autoimagem; (e) Pais, responsáveis e família; (f) Noção temporal e datas comemorativas.

Na **(a) Relação Criança-Criança** uma característica marcante do agrupamento é o gênero. As crianças se dividiam entre meninas e meninos. Entre as crianças abaixo dos sete anos de idade era comum que a interação fosse mista, o que acontecia também naturalmente entre irmãos. Entre irmãos é comum o cuidado e zelo pelo bem-estar. Muitas vezes os ‘irmãos mais velhos’ verbalizam sobre a responsabilidade incumbida a eles por suas mães ou responsáveis. Destaca-se a referência aos brinquedos possuídos, expressado por crianças mais novas e de maneira imaginativa, frases como (Frossard, 2019, s/p):

“Lá em casa tem uma piscina gigante daqui até lá longe” – criança E
“Eu já fui numa roda mais que gigante” – criança D
“Eu tenho mil bonecas” – criança D



FIGURA 3. Brincadeiras e interação entre crianças. Fonte: arquivo do projeto, 2019.

O contato com o campo marcou três pontos da **(b) Relação crianças-pesquisadora**: a comunicação espontânea, a identificação como “professora” e a construção de confiança. As crianças não questionaram sobre o que a pesquisadora estava fazendo ali. A aproximação e conversas geralmente aconteciam naturalmente por parte das crianças, que contavam casos ou faziam perguntas “Você é professora? Cadê seu filho? Você está procurando um?” (Frossard, 2019, s/p).

O encarceramento e as situações de **(c) Violência**, como assassinato, não são conversas frequentes entre as crianças, porém quando surgem são tratadas com certa naturalidade. Algumas situações fazem parte do contexto em que as crianças estão inseridas e são válidas de aparecerem na pesquisa. Pelo menos duas vezes, a pesquisadora registrou relatos de mulheres sobre queixas de abuso e violência na abordagem policial.

A primeira peculiaridade relacionada a **(d) Autoimagem** é em relação ao próprio nome. Apesar de as crianças não demonstrarem importância por nomes dos adultos colaboradores e defini-los como “tios” ou “professores”, seus nomes são importantes. A idade e o aniversário foram dois elementos fundamentais frequentemente expressados:

A Criança I se aproximou da pesquisadora para mostrar a nova idade – oito anos – e falou sobre como agora estava bem maior de altura, assim era preciso novas atitudes e maturidade.

A autoimagem ficou evidente, sobretudo nas representações em desenho da própria imagem e através das fotografias – *selfies* e registros uns dos outros. Uma característica percebida no grupo foi o esforço feito por meninas e meninos de se apresentarem como fortes e habilidosos fisicamente. As crianças destacavam o quanto corriam rápido, carregavam objetos pesados e conseguiam fazer manobras como “virar estrelinha” ou caminhar de pontapé sobre as mãos.

Ao considerar **(e) Pais, responsáveis e família**, as crianças parecem preocupadas quanto ao local onde seus responsáveis estão. E, em alguns casos, a preocupação é verbalizada sobre o cuidado com os irmãos – função atribuída por um adulto a um irmão mais velho. Em outras vezes, algumas crianças já se queixavam da falta de afeto das mães ou das broncas. Muitas vezes é citada a ausência da mãe na rotina por motivo de trabalho. E vez ou outra se queixavam de algum acontecimento pontual na família com os quais estavam chateados no dia. Muitas figuras diferentes compõem os responsáveis e as famílias das crianças. Há diversos vínculos afetivos que são entendidos como famílias.



FIGURA 4. Atividade guiada realizada para representar a família. Fonte: arquivo do projeto, 2019.

Quanto a **(g) Noção temporal e datas comemorativas**, um fato marcante para todas as faixas etárias é o aniversário. Ainda que não saibam dizer o dia com precisão, há uma empolgação e significado atribuído à data. Todas as crianças questionadas pela pesquisadora disseram não terem tido “festa de aniversário”. Algumas falaram sobre ganhar brinquedos de presente e outras sobre algum passeio. A criança X contou que ganhou da mãe um pão sonho de padaria e ficou muito feliz. Outra criança Y disse que ganhou dez reais para comprar o que quisesse e comprou tudo em doces.

Muito da forma como mulheres e homens aparecem no resultado da convivência com as crianças diz sobre as imposições de papel de gênero, impostas de forma normativa desde o nascimento - ou mesmo antes dele (Bento, 2006). Destacam-se como questões que atravessam as mulheres do território: divisão de grupos de brincadeira por gênero, associação entre mulheres adultas e ter filhos, família e a comunidade como parte do entendimento de “casa”, cuidado com alimentação centralizado muitas vezes na figura feminina provedora, exposição a violência institucional, famílias monoparentais marcadas pela ausência de uma figura masculina, um acúmulo de tarefas para as mulheres responsáveis por crianças e seus filhos mais velhos, abertura para rede de apoio, projetos sociais e outros, e por fim, apesar da limitação financeira, a busca por demonstrar afeto e celebrar datas comemorativas.

É possível incluir as crianças nas pesquisas como narradores e participantes. Muitas vezes as crianças são invisibilizadas na academia e na tomada de decisões projetuais de design. Elas podem formular ideias sobre si mesmas e, também, sobre o mundo à sua volta. No território da ocupação urbana, à medida que conquistas são alcançadas e há modificações no protagonismo e na forma de organização da luta é preciso atualizar as compreensões. Como proposta para o design, é necessário manter o hábito de *acompanheirar-se* (Freire, 1996) das pessoas que convive ao longo das pesquisas e projetos.

5. Considerações Finais

Este artigo apresenta pesquisas em que, em ambos os casos, há convergência de questões de gênero, racismo e desigualdades estruturais. No Caso 1, a autonomia das mulheres negras, financeira e sobretudo a autonomia que é atravessada por um processo social de resistência e construção coletiva de identidades e de memórias são estimuladas nas aulas de costura. Já no Caso 2, o olhar das crianças evidencia mulheres cuidadoras, provedoras e responsáveis pelo território. Além disso, ambos os casos destacam a importância de iniciativas comunitárias e sociais para criar espaços de resiliência, afeto e reconstrução, seja por meio da educação emancipatória ou pela valorização da vida cotidiana.

Dentre as diversas táticas de opressão e violências produzidas por este sistema que transforma a natureza, os humanos e não-humanos em recursos, está a lógica hegemônica do saber que hierarquiza e impõe uma única cultura, língua e saber. O conhecimento dos colonizadores como melhores e dominantes e silencia e destrói os saberes produzidos pelos outros povos. A sabedoria contracolonial, rompe com essa estrutura ao compreender que o conhecimento é circular, gira para todos e não para, vem e volta, é imersivo e presente (Santos, 2023). Assim, entende-se que os valores culturais seguem seu curso por meio da transmissão de aprendizagens, do saber orgânico e da roda de saberes, repassada pelos mais velhos oralmente, que permite vivência da ancestralidade, a reconstituição de uma identidade histórica, que constroi a preservação dos modos de vida, da memória e formas de continuidade confluentes.

Neste contexto designers podem ser apanhadores de sonhos e facilitadores de improvisações (Ingold; Hallam, 2007), em encontros “abertos”, imprevisíveis, cujo caráter indeterminado possibilita reimaginar tanto quanto de fato adentrar futuros alternativos, mediados por um método que compreenda o diálogo entre pessoas com histórias e experiências únicas (Noronha *et.al.*, 2020) para que, com essas narrativas se possa conhecer modos de sobrevivências silenciados. “Imaginar outro mundo possível, se trata de um

exercício de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser natureza” (Krenak, 2019). Refletir sobre essas trajetórias, vivências é também, refletir para construção de projetos e soluções futuras mais democráticas e plurais (Acosta, 2016).

Agradecimentos

Este artigo é fruto das discussões propostas na disciplina de doutorado da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais: Design e diversidade: inclusão, cultura, sociedade e outros temas, das professoras doutoras Marcelina das Graças de Almeida (UEMG) e Vitória Régia Izaú (UEMG). Um agradecimento aos colegas da turma de 2024. Registra-se ainda o agradecimento a CAPES e ao CNPq pela concessão de bolsas que permitem a permanência e dedicação aos estudos, tornando viável a existência dessa e de outras publicações.

Referências

- ACOSTA, A. **O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.
- APPADURAI, A. The future as cultural fact: Essays on the global condition. **Rassegna Italiana di sociologia**, v. 14, n. 4, p. 649-650, 2013.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Editora Garamond, 2006.
- BINDER, T. BRANDT, E. The design: Lab as platform in participatory design research. **Codesign**, v.4, n.2, p.115-129, jun. 2008.
- CIPOLLA, C. designing for vulnerability: interpersonal relations and design. **She Ji**, Shanghai, v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S240587261730014X?via%3Dihub>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

CRISTIANE, C. Se morar é um direito, ocupar é um dever. In: PISEAGRAMA (org.). **Urbe urge**. Belo Horizonte: Rona Editora, 2018. p. 133-172.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL GAUDIO, C. design e utopias sociais: o design aberto de movimentos heterotópicos. In: PEREIRA, A. F.; DEL GAUDIO, C. **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2021 cap. 15, p. 205-218.

DEL GAUDIO, C. Os desafios para o design no âmbito social e as perspectivas futuras: o conceito de infraestruturação e a redefinição do papel do designer. In: OLIVEIRA, A. J.; FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C. **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017. cap. 6, p. 65-80.

DETOMI, Í. Enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito: o caso Izidora e o ativismo das mulheres negras. *Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo*, v. 14, p. 646-653, 2022.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Colômbia: Sello Editorial, 2016.

FRY, T. design, a Philosophy of Liberation and ten considerations. **Strategic design Research Journal**, Porto Alegre, v. 11, n. 2. 2018.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 14/15, 2006, p. 231-235.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROSSARD, G. C. **Caderno de bordo** – Pesquisa de campo na ocupação Rosa Leão. Belo Horizonte, 2019. 45 p.

GALERA, I.; GONÇALVES, R. G. Izidora em 3 atos: O conflito fundiário, a luta popular, o imaginário simbólico da terra prometida. **Indisciplinar**, v. 6, n. 2, p. 186-211, 2020.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. de. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005.

GOMES, N. L. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Perseu: história, memória e política**, n. 17, 2019.

GONZALEZ, L. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: DINIZ, E.; LOPES, J.; PRANDI, R. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir: Educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins fontes, 2013.

HOOKS, B. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

INGOLD, T.; HALLAM, E. Creativity and cultural improvisation: an introduction. In: HALLAM, Elizabeth; INGOLD, Tim (eds.). **Creativity and cultural improvisation**. Oxford: Berg, 2007. p.1-24.

INGOLD, T. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture**. Londres/ Nova York: Routledge, 2013.

IZÍDIO, L. L.; GOMES, L.; GOMES, R. Reapropriação ontológica por meio de designantropologia: produção de narrativas e subjetividades com as artesãs de Paço do Lumiar, Maranhão. **RChD: Creación y Pensamiento**, v. 7, n. 12, p. 5-22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5354/0719-837X.2022.67632>. Acesso em: 13 abr. 2025.

KILOMBA, G. The Mask. In: KILOMBA, G. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2. ed., 2010. p. 1-2. Tradução de Jessica Oliveira. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>. Acesso em: 16 out. 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LÉLIS, N. Ocupações urbanas: a poética territorial da política. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 18, p. 428-444, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/jeZJF>. Acesso em: 04 dez. 2024.

LOPES, M. S. B.; SILVA, N. A. da. Memórias, feminismos e outras condutas. **Revista V! RUS**, v. 2, n. 16, 2018.

LOURENÇO, I. S. R.; GOMES, C. V. R.; MARTINELLI, T. G.; LOURENÇO, T. C. B. Cuidar é verbo coletivo: a relevância do trabalho de reprodução coletivo desempenhado cotidianamente pelas mulheres das Ocupações da Izidora. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 20., 2023, Belém. **Anais [...]**. Belém: ANPUR, 2023.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MANZINI, E.; THORPE, A. Weaving people and places: art and design for resilient communities. **She Ji**. Pequim, v. 4, n. 1, 2018.

MIETTINEN, S.; MIKKONEN, E.; SANTOS, M. C. L.; SARANTOU, Melanie. **Artistic cartography and design explorations towards the pluriverse**. NewYork and London: Routledge, 2022.

MINAYO, M; ASSIS, S; SOUZA, E. **Avaliação por Triangulação de Métodos**. Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. 220p.

MORAES, A. M.; SANTA ROSA, J. G. **design Participativo**, técnicas para inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012.

NASCIMENTO, B. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de; ARAÚJO, A.D.G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

NORONHA, R.; ABOUD, C. D. P.; PORTELA, R. L. design por meio da antropologia para a participação práticas designers e artesãs que fazem coisas no Maranhão. In: PARTICIPATORY design CONFERENCE. **Anais**. Manizales, Colômbia: 2020.

NORONHA, R. G.; ABREU, M. Conter e contar: autonomia e autopoiesis entre mulheres, materiais e narrativas por meio de design Anthropology. **Pensamentos em design**, v. 1, n. 1, p. 60-75, 2021.

NORONHA, R. G. The collaborative turn: Challenges and limits on the construction of a common plan and on autonomía in design. **Strategic design Research Journal**, São Leopoldo: Unisinos, v. 11, n. 2, 2018.

NORONHA, R. G. Narrativas em design e gênero: crítica e especulação para futuros possíveis. Almeida, A. J. M.; Flesler, G.; SANTOS, M. C. L. dos; NORONHA, R. G. (org.). In: **design e gênero** : experiências coletivas de ensino. São Luís : EDUFMA, 2024. 176 p.

RAMALHO, B.; LEITE, L. H. A. Colonialidade da educação escolar: aproximação teórica e análise de práticas. **Revista Educação em Questão. Natal**, v. 58, n. 58, 2020.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores- 1a ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RODRIGUES, P. P. B.; NORONHA, R. G. Experimentos no campo do design – reflexões sobre a linha de pesquisa design: materiais, processos e tecnologias, do Programa de Pós-Graduação em design da UFMA. **DATJournal**, v.6 n.3 2021.

RUFINO, L. Pedagogia das Encruzilhadas. **Periferia, educação, cultura e comunicação**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2018.

SANTOS, A. B. dos [Nêgo]. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora (com edição Piseagrama), 2023.

SANTOS, M. C. L. dos. A Bahia e o design. **Revista design em Foco**, v.1, n. 1, 2004, p.51-52.

SILVA, F. R. da. A busca pela efetivação da cidadania de mulheres periféricas: reflexões a partir dos cursos do programa “mulheres mil”, realizados nas cidades de Belo Horizonte e de Ouro Verde de minas. **Libertas: Revista de Pesquisa em Direito**, v. 3, n. 1, 31 dez. 2017.

SILVA, N. A. da. Uma Izidora e duas Rosas: notas para uma perspectiva do espaço protagonizada por mulheres negras. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 23, p. e202138, 2022.

TITTONI, J.; OLIVEIRA, R. G. de; MARQUES, P.; TANIKADO, G. A. Fotografia na Pesquisa Acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2011. DOI: 10.22456/1982-1654.10467. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/informatica>.

ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/10467. Acesso em: 30 jun. 2024

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TSING, A. L. **O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo**. 1ª ed. N-1edicoes.org, 2022.

TSING, A. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p.

WALSH, C. ¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya-Yala. In: GARCIA DINIZ, A. (org.). **Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Revisão técnica de Karina Kuschnir. Apresentação de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 392 p.

Como referenciar

SOUZA, Tatiana de Castro; FROSSARD, Gabriela Corrêa; ALMEIDA, Marcelina das Graças; IZAU, Vitoria Regia. Espaços de resistência, afeto e construção: confluências do design em pesquisas com mulheres e crianças. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, pp. 119-143, jul./2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2025.90301>

Copyright ©2025 Tatiana de Castro Souza, Gabriela Corrêa Frossard, Marcelina das Graças Almeida, Vitoria Regia Izau.



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 04/03/2025 | Aceito em 05/05/2025